

FORMAS SINCRÉTICAS DAS RELIGIÕES AFRO-AMERICANAS: O TERCÊ DE CODÓ (MA)¹

Mundicarmo Ferretti²

INTRODUÇÃO

Os estudos clássicos de religião afro-brasileira, realizados nas capitais nordestinas, em terreiros de “nação” africana, contribuíram para a maior valorização do candomblé jeje-nagô e do culto aos orixás. Essa preferência explica, em parte, o desinteresse havido posteriormente pelos terreiros em que a cultura africana foi mais sincretizada e em que, além das entidades jeje-nagô (voduns e orixás), são cultuados caboclos e entidades africanas de outras “nações”. Assim, os estudos sobre a religião afro-brasileira do Maranhão, em sua maioria, foram realizados em São Luís (capital), onde se desenvolveu o *Tambor de Mina*, em terreiros fundados por africanos (Casa das Minas e Casa de Nagô) ou que afirmam uma identidade africana (Casa Fanti-Ashanti), terreiros esses mais empenhados na preservação de tradições culturais trazidas da África para o Brasil por escravos. A partir de 1984, direcionando nossa atenção para as entidades caboclas do *Tambor de Mina* em um daqueles terreiros de São Luís e, retomando outros estudos realizados na capital e no interior, que às vezes passaram quase despercebidos (o da Missão Folclórica, em 1938, e o de Octávio da Costa Eduardo, entre 1943 e 1944), compreendemos a necessidade de se lançar um novo olhar sobre os denominados cultos sincréticos e de se pesquisar a religião afro-brasileira tradicional de outras cidades maranhenses.

Pretendemos apresentar aqui alguns resultados da nossa pesquisa sobre o *Tercê*, denominação da religião afro-brasileira tradicional do município de Codó (MA), bastante difundida na capital, no interior do Maranhão e também encontrada em terreiros de Estados vizinhos³. Embora menos empenhado na afirmação de uma identidade africana e muitas vezes confundido com a *Umbanda* ou com a *Mina*, o *Tercê* possui traços que apontam para uma origem africana que merecem ser examinados por especialistas.

TERCÊ, A LINHA DE CODÓ

Tercê é a denominação dada à religião afro-brasileira tradicional de Codó - uma das principais cidade maranhenses, localizada na zona do cerrado, na bacia do rio Itapecuru, a mais de 300km, em linha reta, da capital. Além de muito difundido em outras cidades do interior e na capital maranhense, o *Tercê* é também encontrado em outros Estados, integrado ao *Tambor de Mina* ou à *Umbanda*⁴. É também conhecido por “Encantaria de Barba Soêra” (ou Bárbara Soeira), por *Tambor da Mata*, ou simplesmente *Mata* (possivelmente em alusão à sua origem rural).

Embora se saiba que o *Tercê* se originou de práticas religiosas de escravos das fazendas de algodão de Codó e de suas redondezas, sua matriz africana é ainda pouco conhecida. Apesar de exibir elementos jeje e alguns nagô, sua identidade é mais afirmada em relação à cultura banto (angola, cambinda) e sua língua ritual é, principalmente, o português.

No *Tercê*, como no *Tambor de Mina*, as entidades espirituais são organizadas em famílias, sendo a maior e mais importante a da controvertida entidade espiritual Léguas Bogi Boá da Trindade, apresentado em Codó como “príncipe guerreiro” ou preto velho angolano e, em São Luís, como filho adotivo de Dom Pedro Angassu, oriundo de Trindade, ou como um caboclo “da Mata”. Léguas Bogi é também apresentado em terreiros da capital maranhense

¹ Elaborado em 2007. Retoma texto apresentado no Seminário: *Religiões afro-americanas e diversidade cultural*, promovido pela UNESCO e Fundação Palmares, no Rio de Janeiro, de 19 a 21 de dezembro de 2001, publicado pela UFMA em *Cadernos de Pesquisa*. São Luv. 14, n.2, jul./dez. 2003, p.95-108.

² Dra. Antropologia; Profa. Titular aposentada da UEMA; Secretária Administrativa do INTECAB-MA

³ Resultados dessa pesquisa foram publicados anteriormente em capítulos de dois livros da editora Pallas - *Faces da tradição afro-brasileira* (CAROSO & BACELAR, 1999) e *Encantaria brasileira, o livro dos mestres, caboclos e encantados* (PRANDI, 2001) - e, mais recentemente, em um livro publicado pela editora Siciliano - *Encantaria de 'Barba Soeira': Codó, capital da magia negra?* (FERRETTI, 2001b).

⁴ Ismael Pordeus encontrou em Centros de Umbanda de Fortaleza várias entidades espirituais da família de Léguas Bogi (PORDEUS JR., 1993) e Luiz Assunção, em Comunicação Oral feita na XXI Reunião da ABA, informou que a palavra *Tercê* é utilizada no Piauí e interior do Nordeste em terreiros de Umbanda e Jurema (Catimbó).

como vodum cambinda (na Casa das Minas-Jeje) ou como um misto de Légba (correspondente daomeano de Exu) e do vodum Poliboji, idéia defendida por Pai Jorge Itaci (OLIVEIRA, 1989, p.37)⁵.

Embora no Terecô sejam cultuados voduns africanos jeje-nagô (como Averequete, Sobô, Ewá), muito conhecidos no Tambor de Mina da capital, os transes ocorrem principalmente com “voduns da Mata” ou caboclos comandados pela entidade Légua Bogi Boá da Trindade. Mas fala-se que as entidades espirituais da Mata são chefiadas por Maria Bárbara ou Bárbara Soeira, entidade associada a Santa Bárbara e, às vezes, com ela confundida, que se acredita ter sido a primeira ‘*pajeleira*’ (curadeira), razão porque o Terecô é também conhecido por “Barba Soêra”. É bom lembrar que, não obstante ser o Terecô um culto afro-brasileiro, nele as práticas curativas são muito desenvolvidas (FERRETTI, M. 2001a, p. 59; 2001b, p.154)⁶.

Geralmente no Terecô os pais e mães-de-santo também são curadores, embora existam na região “raizeiros”, preparadores de “mezinhas”, que são ali mais conhecidos por “cientistas” (doutores do mato) do que por terecozeiros, umbandistas ou macumbeiros (termo mais usado pejorativamente para designar toda religião de origem africana). Em Codó, tanto no passado como na atualidade, alguns terecozeiros ficaram também famosos realizando “trabalhos de magia” por solicitação de clientes ávidos de vingança, de políticos ou de outras pessoas dispostas a pagar por eles elevadas somas, o que às vezes lhe valeu a fama de “terra do feitiço”. Afirma-se que nesses “trabalhos” e nas práticas terapêuticas os terecozeiros associam à sabedoria herdada de velhos africanos conhecimentos indígenas, práticas do catimbó, da feitiçaria européia e que também se apóiam no Tambor de Mina, na Umbanda e na Quimbanda (que se encontra em expansão em Codó). Contudo, feitiçaria foi e continua sendo uma categoria de acusação e nunca de autodefinição.

Em 1943 os terecozeiros do povoado de Santo Antônio não praticavam a “magia curativa”, como os curadores de terreiros da área rural de São Luís, e nem a “magia negra”, de que eram freqüentemente acusados (EDUARDO,1948). De acordo também com o depoimento de terecozeiros codoenses ouvidos em São Luís por Pai Euclides, ainda criança (antes de 1950?), havia em Codó grande separação entre Terecô e feitiçaria, mas esta era praticada na região por pessoas afamadas, que faziam qualquer “maldade” atendendo à solicitação de quem pagasse o preço por elas estipulado (FERRETTI,M. 2001a; 2001b)⁷. Nos últimos anos muitos terreiros de Codó têm introduzido no Terecô tradicional (na “Mata Pura” ou na “Mata Virgem”) elementos da Umbanda e da Quimbanda, passando a cultuar Exu e Pombajira, e do Candomblé. Essa mudança tem sido apontada pelos mais tradicionalistas como responsável pela associação do Terecô (religião) à magia negra.

Tudo indica que o Terecô se organizou primeiro em povoados negros de Codó e de municípios vizinhos, mas só se tornou mais conhecido depois que se desenvolveu na cidade de Codó. Segundo Costa Eduardo, em 1943, no povoado de Santo Antônio dos Pretos, o Terecô era mais conhecido por *Pajé* ou por *Brinquedo de Santa Bárbara*, e, às vezes, era também denominado *Budum* (vodum) e *Nagô*, o que sugere a existência de um sincretismo afro-católico-ameríndio maior do que o que já fora constatado no Tambor de Mina.

Além de possuir alguma relação com as culturas jeje e nagô (como é indicado em dois dos nomes pelos quais era conhecido no povoado de Santo Antônio), o Terecô tem sido também associado à cultura banto. Como já mencionamos, a entidade espiritual Légua Bogi Boá da Trindade nos foi apresentada como um preto velho *angolano*, em Codó, por Dona Antoninha (ou Antonina, a mãe-de-santo mais antiga de Codó, falecida em 1997, que foi nossa principal informante) e é conhecido em São Luís, na Casa das Minas-Jeje como um vodum

⁵ Como nos falou a antropóloga e linguista Yeda Castro, o nome de Légua Boji deve ser fon e, se for, ele é o Légba da porteira. Essa hipótese é também afirmada pelo lingüista beninense Hyppolyte Brice Sogbosi, para quem Légua Boji pode ser “Legba Gboji”, que significa “no portão de Legba”.

⁶ Em São Luís a palavra Soeira é sobrenome. Na lista telefônica de 2001, encontramos 4 linhas em nome de Soeira, 102 em nome de Soeiro e e em nome de Soero.

⁷ Pai Euclides assistindo, quando criança, a festas no terreiro de Maximiana (em São Luís), em companhia de sua tia e mãe de criação, que era daquela casa, ouviu de terecozeiros codoenses, que participavam da festa como visita (Eusébio Jânsen e outros), que Terecô não tinha nada com feitiçaria, mas que em Codó existiam feiticeiros, como o velho conhecido por Deus Quiser, que fazia trabalho pago e que matava à distância, usando poderes mágicos.

cambinda. Segundo Dona Deni, atual chefe daquela casa, até mais ou menos 1954, eram freqüentes as vindas de pessoas de um terreiro cambinda de Cangumbá (povoado negro codoense ainda não localizado por nós) para as festas de São Sebastião realizadas na Casa das Minas, e elas eram acompanhadas por voduns da Mata como: Légua Bogi, Rei Camundá e outros. A “linha de Codó” é também associada, em terreiros da capital à “nação” Caxias, reverenciada na Casa de Nagô, que para uns líderes religiosos remete a Caxeú (na África) e para outros ao município maranhense de mesmo nome (Caxias), de onde Codó foi desmembrado, cujo nome pode ter sido também derivado de Caxeú⁸.

Durante algum tempo acreditamos que a palavra Terecô poderia ter se originado da imitação do som dos tambores da Mata (“terêcô, terêcô, terêcô”), em virtude de não havermos encontrado nem em Codó e nem em São Luís uma definição etmológica para ela. Mais recentemente, a antropóloga e lingüista baiana Yeda Pessoa de Castro, comentando em conversa um dos nossos trabalhos, esclareceu que a palavra seria de origem banto e teria o mesmo significado que Candomblé - louvar, celebra pelos tambores (CASTRO, 2002, p.139).

Em relação à denominação Pajé, dada também em Santo Antônio ao Terecô, gostaríamos de lembrar que, além da cidade de Codó ter surgido em área que foi muito habitada por índios e da palavra pajé ser de origem tupi, a denominação “pajé” foi utilizada em notícias publicadas na imprensa maranhense e de outros Estados, no último quartel do Século XIX, para designar a religião de negros (afro?) no Maranhão⁹. De qualquer modo, o emprego daquela palavra para designar Terecô pode sugerir a existência nele de maior sincretismo com a cultura indígena do que a que ocorreu no Tambor de Mina jeje ou nagô.

A memória dos codoenses registra uma fase inicial do Terecô em que os negros das fazendas de algodão do município de Codó realizavam seus rituais religiosos na “mata do coco” (babaçu), longe da vista dos senhores, e uma fase, após a abolição da escravatura, quando os negros da cidade realizavam seus rituais às margens da *Lagoa do Pajeleiro* (hoje desaparecida), às escondidas da polícia, com quem entravam freqüentemente em conflito. Tudo indica que os primeiros salões de Terecô da cidade de Codó surgiram muito depois dos primeiros terreiros de Mina da capital e que não havia ali terreiros muito afamados até 1954, pois, além de Costa Eduardo (EDUARDO, 1948) não ter feito referência a eles, nenhum pai-de-santo de Codó foi lembrado pelo líder espírita Waldemiro Reis em sua obra sobre o espiritismo no Maranhão, onde são citados nominalmente vários pais-de-santo e curadores de São Luís e de outras cidades maranhenses (REIS, 1954)¹⁰. Contudo, analisando-se os relatórios da Missão Folclórica, criada por Mário de Andrade, que percorreu o Norte e Nordeste, no final da década de 30 do século XX, pode-se verificar que, nesse período, a “linha de Codó” já marcava sua presença em terreiros de Mina de São Luís (Maximiana), de Belém (Sátiro), e que já surgira no Pará com o nome Babassuê (ALVARENGA, 1948; 1950)¹¹.

Algumas entidades do Terecô, como Légua Bogi e encantados de sua família (Coli Maneiro, Lauro Bogi), são muito temidas e apresentadas como tendo “uma banda branca e outra preta” (“metade de Deus e metade do diabo”). Afirma-se, em Codó, que elas podem castigar alguém (incorporando e fazendo a pessoa subir no topo de árvore, se jogar em espinheiro ou em poça de lama etc.), que são vingativas e que podem até tirar a vida de quem as desrespeita ou desobedece. Mas como elas não matam por dinheiro, nem para satisfazer o desejo de vingança de ninguém, e não se misturam com Exu e Pombajira, não pertencem à “linha negra”. Embora muito temidas, as entidades do Terecô são depositárias de grande confiança e encaradas como defensoras pelos terecozeiros¹².

⁸ Uma das hipóteses levantadas para a origem da palavra Codó aponta para Kodoc, no Sudão, de onde teriam vindo alguns escravos para lá (FERRETTI, M. 2001b, p.97).

⁹ Ver: Uma religião de que não gosta o governo. *A Província de São Paulo*, 10/11/1876.

¹⁰ Fala-se atualmente em Codó que o salão de Terecô mais antigo da cidade foi aberto por Eusébio Jânsen, bem antes da abertura do salão de Maria Piauí, que se afirma ter chegado a Codó em 1936.

¹¹ Segundo Bastide, o nome Babassuê é uma aglutinação de Barba Soeira, entidade espiritual que chefiava a encantaria em terreiro de Belém (PA) pesquisado pela Missão Folclórica (BASTIDE, 1971, p.303). Em Codó, como já mencionamos mais de uma vez, o Terecô é também denominado *Encantaria de Barba Soeira* (FERRETTI, M. 2001a; 2001b).

¹² Relatos do “tempo do cativo” recolhidos no interior do Maranhão pelo historiador Mathias Assunção indicam que Légua Bogi era invocado pelos negros e tinha fama de enganar o senhor para proteger os escravos de severos castigos (ASSUNÇÃO, 1988, p.117).

O conhecido pai-de-santo Bitá do Barão, apresentado em 1994 pela TV Bandeirantes como grande especialista em “magia negra” e que declarou naquela reportagem que recebe e atende muitos pedidos de vingança (até de morte), afirmou naquela oportunidade que só aceitava aqueles pedidos depois que “entra na casa ‘do homem’ (Exu) e vê que ele garante” (TV-BAND,1994). É preciso atentar que aquele pai-de-santo, além de se apresentar a outros pesquisadores como sucessor do velho Deus Quiser (CAMPOS, 1996, p.34), que era mais conhecido ali como um feiticeiro dotado de poderes especiais, do que como terecozeiro, quando afirmou aos jornalistas da TV-Bandeirantes que realizava aqueles trabalhos invocando Exu, falou em uma entidade classificada em Codó como “linha negra” (da Quimbanda) e não que os realizava invocando a força do “povo de Légua” ou de outras entidades do Terecô.

TERECÔ E TAMBOR DE MINA

Embora o Terecô mais tradicional de Codó se apresente de modo bem distinto do Tambor de Mina, tanto em Codó como em São Luís, pode ocorrer cruzamento entre eles e passagem ou mudança de um para outro durante um toque: “para descansar os médiuns”, “homenagear uma entidade que veio da Mina” (no Terecô), ou para reservar maior “espaço” para os caboclos (na Mina). O “cruzamento” das duas linhas, que já existia em São Luís, em 1938 (quando foi feito pela Missão Folclórica de São Paulo um registro da música do terreiro de Maximiana), parece ter se tornado mais conhecido em Codó com a mãe-de-santo piauiense denominada Maria Piauí, que migrou para lá 2 anos antes daquela pesquisa (ASSAD, 1979) e que buscou reforço na Mina da capital, no terreiro do Cutim (hoje desaparecido), classificado como cambinda e como nagô-derivado.

Entre as características do Terecô antigo e tradicional de Codó (do povoado de Santo Antônio dos Pretos e de Mãe Antoninha) que marcam sua diferença do Tambor de Mina jeje e nagô da capital, podem ser citadas:

- a) ausência de terreiros organizados no estilo de conventos (onde residem os pais-de-santo e várias vodunsis), muito comuns no Benin (África) e na Mina da capital maranhense;
- b) grande atividade em gongás domésticos dos terecozeiros chefes (pais-de-santo) e reduzido número de festas e rituais públicos nos barracões;
- c) existência de “poste central” nos barracões antigos (do povoado de Santo Antônio e da sede do município), ausência de quarto de segredo (peji) ou guarda de pedras de assentamento das entidades espirituais em caixas de madeira (“cofres?”);
- d) abertura do toque com “Louvariê” e chamada dos encantados “com joelho em terra” e com as mãos (e até a cabeça) encostadas no chão, de onde acredita-se vir a sua força;
- e) uso de um único tambor (o ‘tambor da mata’ - de uma só membrana, como os da Mina-Jeje, mas tocado com a mão), de maracás (cabaças cheias de sementes, mas sem malha de contas, como as da Mina) e, às vezes, também de pífaro e de marimba (berimbau), e ausência de “ferro” (gã ou agogô) nos toques;
- f) presença de homens entre os médiuns de incorporação maior do que a verificada na Mina e uso nos rituais, por eles, de batatas rodadas;
- g) uso freqüente de cabeça coberta entre os participantes dos toques e de ingestão de bebida alcoólica pelos encantados;
- h) dança corrida, cheia de rodadas;
- i) toque realizado até o final da festa (sem suspensão) e saída de médiuns incorporados para a rua, às vezes acompanhados de tocadores e seus instrumentos musicais (a semelhança do que observamos em 1993 no Benin, no

festival de cultura do vodum *Ouidah* 92)¹³.

Comparando algumas características das entidades do Terecô de Codó com a de voduns da Mina Jeje, pode-se verificar que, embora se faça referência na Casa das Minas à fúria de certos voduns, como Queviossô, e a severos castigos aplicados por eles às vodunsis (FERRETTI, S. 1996), nenhuma entidade ali cultuada é apresentada como tendo uma “banda branca e outra preta”, ou tendo “uma parte de Deus e outra do diabo” (como Légua Bogi e sua família são, às vezes, representados em Codó e em São Luís, fora da Casa das Minas-Jeje).

A comparação entre Mina-Jeje e Terecô, no que diz respeito ao uso de “magia curativa”, mostra que, embora a Mina-Jeje e o Terecô usem banhos de ervas para afastar males espirituais e para proteger os devotos, geralmente, na Mina-Jeje se prepara e distribui seus banhos no terreiro, em dias de obrigação de vodum, enquanto no Terecô eles podem ser preparados e distribuídos com maior frequência, em gongás domésticos, para maior número de pessoas (inclusive para clientes, sem ligação direta com o culto). Na Mina-Jeje, o curandeirismo é mantido sob rigoroso controle, pois afirma-se que, quando se transforma em atividade comercial, leva à preparação de remédios “sem força espiritual”, que está concentrada no terreiro, onde estão assentadas as entidades espirituais. Fala-se também que o curandeirismo pode se transformar em ação “abominável” quando associado ao culto de entidades malévolas, capazes de atender a pedidos inaceitáveis pelos voduns e de fazerem mal. Como diz Dona Deni, não se pode pedir ao vodum o mal para uma pessoa, pois só Evovodum/Jesus sabe se ela o merece...

CODÓ, TERRA DO FEITIÇO OU CAPITAL DA MAGIA NEGRA?!...

Como falamos anteriormente, apesar de Codó ser uma das “Mecas” da religião afro-brasileira, parece que o Terecô só ganhou maior projeção depois de 1950. Fala-se, no entanto, que, antes da abertura dos primeiros terreiros de Terecô, existiram ali afamados “feiticeiros” - pessoas possuidoras de poderes mágicos especiais, que aceitavam dinheiro para fazer trabalhos de vingança -, e que Codó possuiu também, no passado, conceituados “raizeiros” - grandes conhecedores das propriedades terapêuticas da flora da região que ali são também chamados “cientistas”.

Embora em 1944/1945 Costa Eduardo (EDUARDO, 1948) tenha encontrado, no povoado de Santo Antônio dos Pretos (município de Codó), uma total separação entre Terecô (ou Encantaria de Barba Soeira), “magia curativa” e “magia negra” (feiticeira), há muito que esses campos se aproximaram, na prática, de alguns terecozeiros. Hoje, além deles serem também muito procurados como curadores, pelo menos um, o conhecido Bitá do Barão, se apresenta como continuador dos antigos “feiticeiros” de Codó e declara já ter realizado, com Exu, muitos trabalhos de vingança (FERRETTI, M. 2001, p.91).

Apesar de, mesmo depois da Inquisição, o termo feiticeira ter sido usado para designar toda e qualquer prática religiosa afastada da ortodoxia católica e de praticamente todas as denominações religiosas afro-brasileiras já terem sido alguma vez acusadas de feiticeira, no Maranhão essa acusação recaiu mais sobre o Terecô de Codó do que sobre o *Tambor de Mina* da capital. É possível que a repressão policial tenha sido maior em relação ao primeiro e que tenha contribuído para aguçar o preconceito contra ele, mas existe no Terecô pelo menos um fator que pode ter facilitado aquela fama. No Terecô de Codó, a entidade espiritual que chefia a “linha da mata” - Légua Bogi Buá da Trindade - é apresentada por muitos como tendo “uma banda branca e outra preta”, um lado para o bem e outro para o mal. Essa característica, associada a seu caráter vingativo, brincalhão e irreverente e ao seu gosto por bebida alcoólica, tem levado à sua identificação com Légba, entidade africana que, como Exu foi encarada no passado, por missionários católicos, como o demônio e que continua sendo vista na Casa das Minas-Jeje como demoníaca. Embora a análise do nome daquela entidade realizada recentemente pela etnolinguísta baiana Yêda Pessoa de Castro (CASTRO, 2001) confirme aquela interpretação, a identificação de Légua Bogi Buá com Légba não é

¹³ Em São Luís, relatos a respeito do já extinto Terreiro do Egito falam de tambores que tocavam dia e noite sem parar. Observações também da festa de São Sebastião na Casa das Minas-Jeje registram uma saída dos voduns para Casa de Nagô. Nessa festa são cantadas algumas doutrinas em língua africana e em português com palavras africanas, para relembrar a visita recebida no passado dos cambinda de Codó, onde se fala em: Camundá, Boço Vandereji, Boço Jara, Boço Memeia, Boço Fama, Fina Jóia e em outras entidades (FERRETTI, S. 1996; FERRETTI, M. 1993; 2001a; 2001b).

aceita na Casa das Minas (jeje), onde ele é conhecido como um “vodum cambinda”, da mata. Em Codó, a identificação de Légua Bogi com Exu também não era aceita por Dona Antoninha, a terecozeira mais antiga e tradicionalista que tivemos oportunidade de conhecer, e nem por sua sucessora que, encerrando essa questão, nos esclareceu que não há participação de Légua Bogi e nem de encantados de sua família em rituais da “linha negra”, realizados para Exu por alguns terecozeiros e umbandistas de Codó. Segundo ela, o povo de Légua Bogi bebe muito, é pesado e vingativo, mas não se confunde com Exu e nem com entidades da “linha negra” recebidas na Quimbanda.

A identificação do Terecô com “magia negra” (feitiçaria) ou com a “linha negra” da religião afro-brasileira (linha de Exu, confundido com o demônio) é geralmente negada pelos terecozeiros de Codó, embora exista ali alguns que declarem realizar trabalhos tanto para o bem como para o mal. “Magia negra” e feitiçaria foi e continua sendo, na religião afro-brasileira, uma categoria de acusação e, em Codó, se procura manter o Terecô, Légua Bogi e os “vodunsos” velhos dela afastados.

A apresentação de Codó como “terra do feitiço” ou “capital da magia negra”, negando o seu caráter religioso, afastou pesquisadores e tem levado muitos terecozeiros a se desviarem da tradição de Codó e a adotarem outra denominação religiosa afro-brasileira. Hoje, muitos dos que se filiaram a federações de Umbanda estão se apresentando como umbandistas e referindo-se ao Terecô como algo primitivo, inferior à Mina, à Umbanda, ao Candomblé e a outra denominação religiosa afro-brasileira mais conhecida e objeto de menor preconceito. Por essa razão, consideramos necessária e urgente a realização de pesquisas e a publicação de obras sobre Terecô e sobre a “linha da Mata” do Tambor de Mina por parte de cientistas sociais e de sacerdotes que o conhecem mais de perto.

CONCLUSÃO

Como não existe denominação religiosa afro-americana não sincrética, parece-nos preferível falar do Terecô como uma das formas mais sincréticas da religião afro-brasileira ou como mais sincrético do que o Tambor de Mina. Além do Terecô ser bastante conhecido pela integração realizada de elementos de origens diversas, pesquisa realizada em 1944 por Durado (1948, p.47) mostra a existência de alto índice de sincretismo na religião de origem africana do povoado de Santo Antônio dos pretos, hoje considerada a mais antiga e tradicionalista da região. Mas, apesar de Bastide (1971, p.397), apoiando-se nas descrições de Octávio da Costa Eduardo, ter encarado a religião daquele povoado como tradição daomeana quase esquecida, sincrética, empobrecida pela perda de memória e pelo isolamento das populações rurais, alguns indícios encontrados nos dados coletados por nós sobre o Terecô de Codó nos levam a encarar o Terecô de Codó como “outra religião afro-brasileira”.

A classificação do Tambor da Mata (Terecô), em São Luís, como cambinda e a existência no Terecô de Codó de um cântico de abertura em “língua enrolada”, desconhecido nos terreiros jeje e nagô da capital, nos levam a suspeitar de que ele se originou de outra tradição religiosa africana, possivelmente banto, e a nos afastar da hipótese de que ele teria a mesma origem da Mina-Jeje ou que tivesse se originado dela. Contudo, consideramos que os elementos da Mina-Jeje encontrados ali por aquele pesquisador paulista não devem ser descartados. Relatos sobre a Casa das Minas antes de 1954 (quando faleceu sua última mãe-de-santo de grande prestígio), mostram que a Casa já teve muitas vodunsis de Codó e que, no passado, era muito visitada por membros de um terreiro cambinda de um povoado de Codó: Cangumbá (?).

Embora Codó não tenha terreiros tão antigos como os de São Luís, é possível que o Terecô tenha surgido antes da Mina, com a realização de rituais na “mata do coco” por escravos de fazendas de algodão do município. Como Légua Boji aparece em memória do “tempo do cativo”, recolhidas fora da capital maranhense por Mathias Assunção (1988), pode se pensar que ele era conhecido ali bem antes da abolição da escravidão.

A pesquisa sobre Terecô de Codó tem que avançar em várias direções para que se possa ter uma visão mais profunda sobre ele. Mas, como os antigos terecozeiros já faleceram e atualmente muitos estão se apresentando como umbandistas, a cada dia esse trabalho está se tornando mais difícil.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Oneyda. *Tambor de Mina e Tambor de crioulo: registros sonoros de folclore nacional brasileiro II*. São Paulo: Biblioteca Pública Municipal, 1948.

----- . *Babassuê: registros sonoros de folclore nacional brasileiro II*. São Paulo: Biblioteca Pública Municipal, 1950.

ASSAD, Marcelo. *Codó: fragmentos*. Codó: UFMA/Campus VII, 1979 (Trabalho de Curso de Educação).

ASSUNÇÃO, Mathias Rohrig. *A guerra dos Bem-te-vis: a Balaiada na memória oral*. São Luís: SIOGE, 1988.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1971. 2v. (Orig. 1960).

CAROSO, Carlos e BACELAR, Jeferson (orgs.). *Faces da tradição afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 1999, p. 37-47.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário Afro-Brasileiro*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2001.

----- . *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro; Secretaria de Estado da Cultura, 2002.

----- . De como Legba tornou-se interlocutor dos deuses e dos homens. *Caderno Pós Ciências Sociais/UFMA*. São Luís, v.1, n.2, ago./dez. 2004, p. 119-126.

EDUARDO, Octávio da Costa. *The negro in Northern Brazil, a study in acculturation*. New York: J.J. Augustin Publisher, 1948.

FERREIRA, Euclides Menezes. *A Casa Fanti-Ashanti e seu alaxé*. São Luís: Ed. Alcântara, 1987.

FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na Guma: o caboclo do Tambor de Mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís - a Casa Fanti-Ashanti*. São Luís: SIOGE, 1993 (2ª ed. EDUFMA, 2000).

----- . Religião e magia no Terecô. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro, Pallas, 2001, p. 59-73.

----- . *Encantaria de 'Barbara Soeira': Codó, capital da magia negra?*. São Paulo, Siciliano, 2001.

FERRETTI, Sergio. *Querebentã de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão*. 2.ed. São Luís: EDUFMA, 1996.

OLIVEIRA, Jorge Itaci. *Orixás e voduns nos terreiros de Mina*. São Luís: VCR Produções e Publicidades, 1989.

PORDEUS JR. Ismael. *A magia do trabalho: macumba cearense e festa de possessão*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1993.

REIS, Waldemiro E. dos. *Espiritismo e mediunismo no Maranhão*. São Luís, [ca. 1954].

TV-BANDEIRANTES. *Domingo 10 - Marília Gabriela, 22/5/1994*. (Reportagem).